

## SOBRE FÍNTIS DE ESPARTA

### On Phintus from Sparta

Gislene Vale dos Santos<sup>1</sup>

#### RESUMO

Objetivo apontar possibilidades de pensar uma filosofia que inclui o debate acerca do papel e das capacidades da mulher na Grécia Antiga, a partir de um dos fragmentos atribuído a Fíntis de Esparta, em uma possível obra escrita por ela, a qual, segundo Estobeu, leva o título de *Sobre a moderação da mulher*. Para isso, mobilizo alguns possíveis temas de pesquisa a partir da apresentação do fragmento. Importa destacar que esta pesquisa está em fase inicial, por isso este texto não traz conclusões; apresenta, contudo, questões que poderão se desenvolver em trabalhos futuros.

**Palavras-chave:** Mulher. Grécia Antiga. Virtude. Fíntis

#### ABSTRACT

I aim to point out possibilities of thinking about a philosophy that includes the debate about the role and capabilities of women in Ancient Greece, from one of fragments assigned to Phintus from Sparta, in a possible work written by her, which, according to Stobaeus, bears the title *On the woman moderation*. For this, I mobilize some possible research themes from the presentation of the fragment. It is important to highlight that this research is in its initial phase, so the text does not bring conclusions; it presents, however, issues that could be developed in future works.

**Key-words:** Woman. Ancient Greek. Virtue. Phintus

#### I. Introdução

Desde 2017 eu habito na Bahia. Nesta terra encantada, que me acolhe em seu ventre, que me nutre e me ensina, na qual eu reparto a vida com baianas e estrangeiras, construo minha caminhada na condição de professora da disciplina de Filosofia Antiga, do departamento de Filosofia da UFBA. Neste percurso de vida, tento desenvolver ferramentas que me ajudam a

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Bahia – UFBA  
Email: [gislene.vale@ufba.br](mailto:gislene.vale@ufba.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2793-5557>



ofertar o que a mim não foi ofertado em meu período de formação. Neste percurso acadêmico, que não exclui as outras dimensões da vida, a mescla do som do atabaque com o da cítara dos textos clássicos impulsiona a pesquisa apresentada aqui, ainda em estágio inicial. Se vivemos um momento histórico, político e sanitário o qual nos obriga o afastamento da sala de aula, das rodas de samba e dos tabuleiros das baianas de acarajé, é preciso também dizer que esses ambientes forneceram energia para o forjar do que aqui escrevo agora. É desde a saudade do ambiente da universidade, da rua, e movida pela esperança do abraço que ganho motivação para escrever.

Se a saudade funciona como uma espécie de motor às letras, não apenas ela. Infelizmente, o machismo que acomete a nossa sociedade também mobiliza as forças para o seu enfrentamento, o do machismo. Estamos vivendo um momento histórico em que se faz necessário, a cada dia mais, realizar a pergunta: o que é o machismo? Este texto não tem o objetivo de colocar à pergunta um termo, tão somente apresentar uma dentre as muitas possibilidades de realizar o enfrentamento, mesmo que aqui não se discuta suas causas, seus modos e suas consequências. O que a mim nunca foi ofertado em meu período de formação foi a presença de filósofas nos currículos pelos quais passei. Mais ainda, a presença de filósofas antigas. Da mulher ateniense, especificamente, só sabíamos que não era cidadã. De modo geral, na presença da virgindade, a mulher era partícipe central em rituais sagrados e que se encontrava na cortesia e no interior que leva o nome de “doméstico”<sup>2</sup>. Mas e no teatro, na política e na filosofia que se esboça nesse período histórico?

Meu objetivo, neste texto, é colocar a bailar o pensamento de Fíntis de Esparta. Uma filósofa grega antiga de quem não tínhamos notícias em língua portuguesa; pouco trabalhada, contudo, em outras culturas também. A partir deste levante histórico, apontar possibilidades de uma pesquisa filosófica fundada no pensamento da pensadora em questão. Com isso, refletir acerca de outras imagens, além daquelas já canonizadas pela História da Filosofia e que se fixaram a partir de uma contumaz omissão. Para isso, me

---

<sup>2</sup> Sobre as atividades das mulheres na Grécia, ver MacLachlan, B. *Women in Ancient Greece*. Continuum International Publishing Group, 2012.

servo especialmente de um de seus fragmentos, recolhido da obra que teria levado o título de *Sobre a moderação da mulher* (*Peri gunaikòs sophrosúne*).

Gilles Ménage, no Índice de *A história das mulheres filósofas*,<sup>3</sup> estabelece uma espécie de catálogo com onze diferentes escolas filosóficas que teriam em seu corpo a presença feminina. A partir desta presença, Ménage flexiona o gênero que dá nome à escola e temos, aí, um Índice que se constitui por filósofas. Dentre estas escolas, trabalho, neste artigo, com aquela que recebe o nome de um famoso filósofo, Pitágoras. As pitagóricas são apresentadas por Mary Ellen Waithe, em *A history of women philosophers*, distinguidas em duas fases, uma chamada de "As primeiras pitagóricas" e a última de "As pitagóricas tardias". Dentre as primeiras está a família imediata de Pitágoras, a esposa e as filhas, que teriam vivido por volta do séc. VI a.C. As pitagóricas tardias teriam tido um percurso histórico de vivência abrangendo, mais ou menos, o século V a.C ao I d.C, segundo Waithe. Fíntis, a filósofa cujo pensamento trata este artigo, teria vivido entre os séculos IV e II a.C,<sup>4</sup> e foi participante da escola pitagórica tardia.

A partir de meu objetivo maior, e para realizá-lo, gostaria de mobilizar questões, mesmo que em estado sumário, para uma primeira aproximação do pensamento de Fíntis de Esparta. É possível falar em um método neste pensamento? Há nele a presença de uma questão filosófica? Se há, como ela é justificada? Mesmo que as questões não sejam respondidas na íntegra, destaco que o mais importante, para mim, é pontuar temas que possam ter outros desenvolvimentos, outras formulações, cunhadas pelas mãos e pelos pensamentos de outras mulheres, principalmente. A tentativa de levantar uma discussão desde o pensamento de uma filósofa antiga pretende ser parte do percurso de trabalhar com as alunas e os alunos, num primeiro momento de suas formações acadêmicas, a presença e a reflexão das mulheres que atuaram filosoficamente, mas tiveram seus pensamentos negligenciados por uma tradição que se construiu desde a exclusão. E por que não dizer que ainda se constrói? Uma vez que nós, mulheres, ainda sofremos pela ditadura do machismo que se impõe nas ruas, na universidade – e insti-

<sup>3</sup> Ménage, G. *Historia de las Mujeres Filósofas (Historia mulierum philosopharum)*. Traducción Mercè Otero Vidal. Herder Editorial: Barcelona, 2009.

<sup>4</sup> WAITHE, 1987, p. 11.



tuições de modo geral – e, nos relacionamentos, nos mais variados possíveis.

## II. A Filosofia de Fíntis

Sobre Fíntis, Ménage não nos lega muitas informações, contudo, apresenta um curto caminho de pesquisa, se referindo a Estobeu, no Sermão 72. Estobeu diz que a pensadora teria escrito uma espécie de tratado *Sobre a moderação da mulher*. O tema da moderação/temperança *sophrosúne* é caro à reflexão grega; desde o período arcaico à *koiné* se percebe uma tentativa de burilar, por meio da língua grega, o que vem a ser ou o que é esta ação psíquica, muitas vezes lançada como chave interpretativa ao comportamento das divindades, do *kósmos*, da *pólis*, do interior da casa e da condição humana. Remontando a Estobeu, Holger Thesleff em *An Introduction to the Pythagorean writings of the Hellenistic period* (1961) coloca Fíntis dentre as autoras e autores dos textos pseudônimos pitagóricos, compondo o quadro daquelas e daqueles que refletiram acerca do fundamento filosófico do pensar e do agir humanos, a partir do escopo da matemática. Em um quase verbatim, Thesleff escreve:

**Fíntis:** *Perì gunaikòs sophrosúnes*. Dois fragmentos de quase 80 linhas em prosa dórica. - A melhor virtude de uma mulher é a *sophrosúna*. As implicações desta virtude em relação ao seu marido, à vestimenta, aos deveres ritualísticos, etc (THESLEFF, 1961. p,18).

Sobre o pitagorismo em geral, ao visitar alguns fragmentos de Espeusipo, Eudoro e fontes citadas por Sexto Empírico, Thesleff aponta à possibilidade de desenhar *doutrinas matemáticas 'pitagorizantes'*, originadas na Primeira Academia. Certas concepções matemáticas são refletidas filosoficamente, como sintetiza Thesleff:

Os cinco corpos estereométricos regulares correspondem aos cinco elementos (Espeusipo). O *tetraktús* engloba tudo; isto pode ser percebido a partir da equivalência de 1 = *stigmé*, 2 = *grammé*, 3 = *trígōnon*, 4 = *puramís* (e de outras indicações de que uma década é um número “completo”. Espeusipo) e a partir da ocorrência dos números 1-4 na harmonia do universo, o qual é constituído pelas proporções *dià tessáron* (4:3), *dià pénte* (3:2), e *dià pasōn* (2:1) (Sexto. *Contra os Matemáticos* 4. 2-9, cf. 7. 94-100, 10. 278-282, id. Pirro 3.154-155; mas essas doutrinas podem ser, em larga medida, dos primeiros pitagóricos). A *arcké* final de todas as coisas é a monada



(*hén* em Eudoro, onde ela é igualada ao deus supremo), que junto com a díade ilimitada *pasckou̓se hūle* procria os números e todo o universo; aqui o *hén* e o *ison* correspondem à monada e o *ánison* e o *huperocké* ou *éleipsis* correspondem à díade (Sexto. *Contra os Matemáticos* 10. 261-280, cf. Id. *Pirro* 3. 153; Eudoro, *Apud THESLEFF*, 1961, p.25).

Se Fíntis é parte dos círculos chamados pitagóricos, como a sua filosofia reflete os princípios dessa doutrina? Como relacionar a tentativa de conhecer o todo, por meio da matemática, com a dimensão ética da existência humana? Estas são questões que não fogem ao escopo de pesquisa da época. Platão, no *Timeu*, por exemplo, realiza uma investigação na qual se serve da matemática para pensar a possibilidade de conhecer o todo e deriva desta possibilidade uma ética. Parece ser uma constante, no pensamento filosófico deste período histórico, a recorrência ao campo da matemática para fundamentar questões ligadas ao campo da ação humana que se quer virtuosa, melhor ainda, que se quer realizada com o seu grau máximo de aperfeiçoamento, uma ação excelente - a tão filosoficamente disputada *areté*.

Vejam como Fíntis elabora o seu discurso e como a partir dele é possível oferecer possibilidades interpretativas às questões postas acima.

#### Fragmento I – *Sobre a moderação da mulher*

Uma mulher deve ser completamente boa e ordeira; sem a excelência ela nunca se tornaria assim. A excelência apropriada a cada coisa torna superior o que dela se recebe: a excelência apropriada aos olhos permite aos olhos verem, o que é apropriado ao ouvir, a faculdade da audição, o que é apropriado para um cavalo, ser um cavalo, o que é apropriado a um homem, ser um homem. Então também a excelência apropriada para uma mulher torna uma mulher excelente. A excelência mais apropriada para uma mulher é a moderação. Por conta desta virtude, ela será capaz de honrar e amar o seu marido.

Agora, talvez, muitos pensem não ser adequado para uma mulher filosofar, assim como não é adequado para ela andar a cavalo ou falar em público. Mas eu penso que algumas coisas são particulares a um homem, algumas para uma mulher, algumas são comuns a ambos, algumas pertencem mais a um homem do que a uma mulher, algumas mais a uma mulher do que a um homem. Particular para um homem é servir em uma batalha, realizar atividade política e falar em público; particular a uma mulher é estar dentro de casa, receber e servir seu marido. Mas eu digo que coragem, justiça e sabedoria são comuns a ambos. A excelência do corpo é apropriada para ambos, homem e mulher, bem como a excelência da alma. E assim como é benéfico para o corpo de cada um ser saudável, também é benéfico para a alma ser saudável. A excelência do corpo é a

saúde, a força, a agudeza da percepção e a beleza. Algumas destas são mais adequadas para um homem cultivar e possuir, algumas mais para uma mulher. Coragem e sabedoria são mais apropriadas para um homem, tanto por causa da constituição do seu corpo quanto pela força de sua alma, enquanto a moderação é mais apropriada para uma mulher.

Portanto, deve-se descobrir a natureza da mulher que é treinada na moderação, e tornar conhecido o número e os tipos de coisas que conferem este bem para uma mulher. Eu digo que isso advém de cinco coisas: Primeiro, da piedade e da consideração no que diz respeito ao seu leito conjugal; segundo, da decência em respeito ao seu corpo; terceiro, das procissões daqueles que são de seu próprio ambiente doméstico; quarto, não ser indulgente nos ritos de mistérios e nas celebrações do festival de Cibele; quinto, de ser devota e correta em seus sacrifícios ao divino.

Destas, o que está acima de todas as causas e preserva a moderação é ser incorruptível com relação ao seu casamento, e não se deitar com um homem estranho. Por isso, uma mulher que assim transgride incorre em injustiça contra os deuses de sua raça, fornecendo não aliados genuínos, mas espúrio, para sua casa e família; ela comete injustiça aos deuses naturais pelos quais jurou, junto com seus ancestrais e parentes, compartilhar uma vida em comum e a criação legal dos filhos. Ela também comete uma injustiça contra sua pátria, por não permanecer entre aqueles que foram devidamente escolhidos para ela. Por isso, ela não irá contra aqueles para os quais a morte, a maior das penalidades, é determinada, por conta da magnitude da injustiça; pecar e cometer ultrajes por causa do prazer é ilegal e menos merecedor de misericórdia. A questão de todo ultraje é destruição. (Waithe *apud* Thesleff, Estobeu 4.23.61, p. 588 Heeren. Traduzido por Vicki Lynn Harper)<sup>5</sup>

Sobre este fragmento, especificamente, se pode, em um primeiro momento, dividi-lo, para fins de análise, em duas partes interpretativas. Uma formal – questão de método – e outra de conteúdo. Minha primeira hipótese é que ao refletir acerca de um conteúdo moral, Fíntis o faz a partir de um método específico, fornecido pela matemática. Ela teria derivado um dever ser da aplicação do método às premissas da cultura que a atravessava, enquanto mulher que pensou sua condição social, a partir de um contexto doméstico, extraíndo dessa aplicação uma ética.

É importante salientar que Fíntis, incluso ao fato de participar dos círculos pitagóricos, é uma mulher de Esparta. Claude Mossé (1991, p. 141), se servido de Plutarco, nos informa que naquele período histórico, Esparta, tendo por finalidade a procriação como uma das políticas de estado, forneceu às mulheres uma educação que para além de educá-las na ginástica,

<sup>5</sup> Tradução minha do inglês para o português.



como eram educados os homens, também as ensinava *areté* e *philotimía* (virtude e a honra), as duas principais virtudes dos homens espartanos.

Para além de saber que as mulheres eram educadas, em certas matérias, do mesmo modo que os homens, é importante destacar outro elemento: o *tópos*. É possível pensar na concepção de *topos* como parte de um método de escrita que insere Fíntis em determinada tradição filosófica, aquela da retórica que se utiliza de uma espécie de mapa conceitual no qual os principais temas de um assunto são incluídos. No caso de Fíntis, o assunto é a *sophrosúne* e os temas são todos aqueles que envolvem o modo como esta *sophrosúne* se atualiza na vida doméstica que tem por finalidade, principalmente, honrar a própria cama; ou, ainda, não trair o marido com outro homem. Nas palavras de Huizenga, em sua interpretação do texto de Fíntis:

(...) a primeira e mais essencial demonstração de *sophrosúne* para uma mulher é se manter sexualmente fiel ao seu marido. Além disso, todas as outras funções da virtude feminina prescritas (o adorno, a fala e o silêncio, a gravidez e a educação infantil, a administração doméstica e atividades fora de casa) manifestam este feito primário: a prática ininterrupta da fidelidade conjugal de uma mulher. (2013, p.205).

Desta forma, e concordando com Huizenga, nisto que seria o tema do *tópos* desenvolvido por Fíntis – a *sophrosúne* que tem por objetivo a fidelidade da mulher ao seu marido –, é importante pensar em certa concepção de *topos* sem o conceber como um método *standard*, mas como uma parte necessária do que poderá ser vislumbrado na condição de método na elaboração do escrito da pensadora em questão. Também é importante lançar uma questão a esta pesquisa: em que medida pode-se pensar que o escrito de Fíntis respeita ao dito no início dos *Tópicos* de Aristóteles? Com o objetivo de compreender o que é o raciocínio dialético, Aristóteles dá início ao seu tratado nos seguintes termos:

Nosso tratado se propõe encontrar um método de investigação graças ao qual possamos raciocinar, partindo de opiniões geralmente aceitas, sobre qualquer problema que nos seja proposto, e sejamos também capazes, quando replicamos a um argumento, de evitar dizer alguma coisa que nos cause embaraços. Em primeiro lugar, pois, devemos explicar o que é o raciocínio e quais são as suas variedades, a fim de entender o raciocínio dialético: pois tal é o objetivo de nossa pesquisa no tratado que temos diante de nós. (I, 100a18-24)

Ao se propor a encontrar um método de investigação a partir do qual haja um raciocinar específico, Aristóteles fornece o caminho para o qual ele seja, talvez, não o seu inventor, mas o seu sintetizador, o filósofo que colocou algo comum e corriqueiro, para determinados círculos filosóficos, em um sistema de escrita e pensamento. Com isso, ousou dizer que há a possibilidade de Fíntis, uma participante dos círculos pitagóricos, ter utilizado dessa prerrogativa de escrita que busca pela definição, se servindo, como ponto de partida, das “opiniões geralmente aceitas”. Ao dizer na primeira linha de seu fragmento que: “Uma mulher deve ser completamente boa e ordeira”, ela está partindo de certo lugar-comum de sua cultura. Alguém, homem ou mulher, na sociedade grega daquela época, ousaria dizer o contrário? Este poderia ser concebido como um modelo de *éndoxos*. Resta-nos saber o que significa isto, *ser completamente boa e ordeira*. O problema proposto por Fíntis é o da *sophrosúne*. Sobre este problema ela evita, nas palavras de Aristóteles, o embaraço; uma vez que, seguindo as orientações de sua cultura, ela mobiliza o pensamento de tal forma que, ao utilizar do *tópos*, se inscreve em certa tradição, manuseando do recurso tanto no campo da retórica quanto no da filosofia.

Aristóteles, especificamente, é movido a dizer, *em primeiro lugar*, o que é o raciocínio e quais são suas variedades. O *em primeiro lugar* permite pensar em um modo inicial de conceber a investigação que busca por um método. No caso de Fíntis, ela está refletindo acerca de como a mulher se torna excelente nas ações. Sendo a excelência da moderação a causa que a leva a ser *boa e ordeira*. Se estas qualidades podem ser tomadas na condição de *éndoxa* também podem ser interpretadas como o resultado ou, ainda, a conclusão da série discursiva que a segue. Chamo de ‘série discursiva’ a quantidade de exemplos que a pensadora oferece antes de afirmar o *tornar-se* excelente da mulher. Quero dizer com isso que parece, em um primeiro momento, ser a moderação, para a mulher, tão natural como a relação entre a vista e o visto, o audível e a audição, e, assustadoramente, para um homem, ser um homem; Fíntis marca todas estas relações com o signo do ‘apropriado’.

Não passa desapercibido, contudo, que a mulher *se torna* virtuosa ou, ainda, excelente, quando em face da virtude apropriada. Esta é a mode-

ração (*sophrosúne*). Ao passo que o apropriado ao homem é ser homem, bem como ao cavalo, ser um cavalo; o que é apropriado a uma mulher boa e ordeira é ser moderada. Ou como diz o texto, *se tornar* moderada. Há nessa expressão textual uma invocação à correta instrução. Moderação (*sophrosúne*) é uma questão de educação, de formação do caráter. No sentido de se pensar uma *paideia* apropriada. Está em jogo um projeto de *paideia* centrado no ambiente doméstico, mais especificamente, na figura da mulher e de sua ação dentro e fora de casa. Honrar e amar ao marido passa diretamente pelo escopo da moderação, portanto, da aprendizagem.

Se em um primeiro momento de *Sobre a Moderação da mulher*, Fíntis aponta às qualidades resultantes do *tornar-se* moderada, em um segundo momento ela aponta ao conjunto de virtudes que se divide em três tipos: as próprias aos homens; as próprias às mulheres e aquelas que são compartilhadas por ambos. Mais uma vez, ela parte das *éndoxa*. Dessa vez com o apelo explícito à sua cultura. *Muitos* é a palavra que marca o lugar das opiniões comuns no texto da filósofa: *talvez, muitos pensem não ser adequado para uma mulher filosofar*. Fíntis, entretanto, ao descrever que coragem, justiça e sabedoria são comuns a ambos, subverte, quiçá estrategicamente, o que ela mesma diz.

Ao dizer que a mulher reparte com o homem a capacidade da coragem e que a virtude do corpo, bem como a da alma, é apropriada também a ambos, ela, de alguma forma, autoriza, em termos de capacidade, a mulher, não apenas à filosofia, mas também à guerra. O que se evidencia pela virtude que, nesta cultura, é própria do guerreiro – a coragem – e pela excelência do corpo, consagrada na saúde. Talvez, e só talvez, Fíntis defenda a igualdade entre as coisas que são apropriadas aos dois gêneros, contudo, na execução destas capacidades, o homem, por uma questão cultural, e não por natureza, tenha sido colocado a assumir certas atividades públicas, como é o caso da guerra. A questão que se impõe é saber o que é uma virtude (*areté*), e, se em um primeiro momento, homens e mulheres são capacitados a elas (coragem, justiça e sabedoria); por que, em momento posterior, a moderação vem destacada como sendo mais apropriada à mulher?

Estas quatro virtudes são canônicas no imaginário grego, já em Homero se pensa numa aplicabilidade de valores que regulam o espaço públi-

co, da guerra, e o privado, da casa. Na *República* de Platão é possível observar um debate acerca de tais virtudes, de modo mais conciso, no Livro IV. Fíntis, na esteira desta tradição, deixa exposta sua contribuição ao pensar sobre uma organização que envolve, principalmente, a alma humana, sua condição e o modo como tal organização desemboca na discussão que orienta o interior da casa e, em última instância, a conduta feminina que se quer boa e ordeira. Neste sentido, a filósofa nos lega uma discussão a respeito da formação do caráter, certo *éthos* que tem implicações diretas na ordenação da própria *pólis*.

A moderação, conforme expõe Fíntis, é aprendida, regulada no interior das leis que orientam a *pólis*; neste sentido é que ela diz ser a moderação o fruto de um *treino*, em outra parte, ainda, o termo *tornar-se* é utilizado para se referir à conduta moderada. A mulher é esta que *se torna* virtuosa por uma enumeração. A pensadora do pitagorismo aponta cinco ações que levariam ao bem que é ser moderada: 1. consideração ao leito; 2. decência com o corpo; 3. cuidado com a prática dos ritos realizados por sua família; 4. não participar de orgias e 5. respeito aos sacrifícios. Estas são chamadas de ações causais da moderação, sendo que a primeira é a primordial: não se deitar com homem algum, exceto o marido. Há também uma concepção de injustiça que permite pensar no ser da justiça; por seu turno, a justiça é outra das virtudes que são próprias tanto aos homens como às mulheres. Injusto é desrespeitar a cama, porque consiste no desrespeito aos deuses e à própria *pólis*. Injustiça essa derivada dos prazeres e que pode ser penalizada com a própria morte.

### III. Considerações finais

Dentre as penalidades atribuídas à mulher que corrompe o leito, a morte é a pior delas. O delito cometido ultraja os deuses, a *pólis* e o interior da casa são levados ao desequilíbrio. É, portanto, pertinente pensarmos em certa concepção de harmonia vinculada à conduta feminina que é boa e ordeira. Mesmo que o conceito de *harmonia* não tenha sido destacado neste texto, ele é uma das consequências dessa narrativa que busca pensar a condição do caráter feminino em relação aos ambientes que envolvem a vida da

mulher. A relação com a divindade, com a *pólis* e com o interior da casa é articulada para dar conta de uma conduta psíquica feminina. Conduta esta que se funda na moderação (*sophrosíne*) enquanto resultado do ser boa e ordeira na relação com esse outro que aparece desde a figura do marido.

A métrica da construção do discurso de Fíntis está amparada não apenas na cultura que constrói seus valores, mas também por certa necessidade de enquadrar estes valores a partir de um escopo específico, o da matemática. Isto não aparece apenas nas cinco causas numeradas, pela pensadora, para alcançar a moderação. Ao escrever a partir de uma lógica que busca equilibrar os termos do argumento defendido, ela parece nos apresentar um discurso que tem seus contornos realizados a partir de uma métrica; melhor ainda, de um tipo de *lógos* que se constrói visando um resultado: a harmonia. Neste percurso, foi preciso identificar diferenças, semelhanças e pensar nas suas relações quando se busca entender o que é a justiça, a coragem, a sabedoria e, por fim, a moderação.

Fazer a análise e discutir tais temas não é apenas necessário no sentido da reparação histórica do apagamento das mulheres na História da Filosofia. Ao discutir e identificar uma Filosofia no pensamento de Fíntis, conjuntamente busca-se identificar e construir uma filosofia no interior de nós mesmas, ou, ainda, de mim mesma. Uma Filosofia que nos reconstrua a partir de outras interpretações, que nos signifique a partir do mesmo valor com o qual a imagem do masculino foi construída, e que nossas ações executem o elaborado em nossos discursos, se pensamos em outro *éthos* possível.

Começar este texto e me localizar histórico e geograficamente faz parte do caminho (*méthodos*) almejado à realização do intento inicial. A Bahia é o lugar do enfrentamento que se, na minha vida, não começou agora, agora tem a oportunidade de ser refletido conjuntamente e repartido, na forma deste texto, à crítica. Contrariando Aristóteles, não evitemos o embaraço na construção de outros métodos. Que sejamos nós, mulheres, a ultrapassar o embaraço e firmarmo-nos na outra direção do caminho, aquela que desagua em nós mesmas, conduzidas pelos ventos e pelas águas da mudança.

#### IV. Referências

ARISTÓTELES. *Tópicos*. Tradução: Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. 2ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HUIZENGA, A. B. *Moral Education for Women in the Pastoral and the Pythagorean Letters: philosophers of the household*. Supplements to Novum Testamentum. Vol. 147. Boston: Brill, 2013.

MACLACHLAN, B. *Women in Ancient Greece*. Continuum International Publishing Group, 2012.

MÉNAGE, G. *Historia de las Mujeres Filósofas (Historia mulierum philosopharum)*. Traducción: Mercè Otero Vidal. Barcelona: Herder Editorial, 2009.

THESLEFF, H. *An Introduction to the Pythagorean writings of the Hellenistic period*. Acta Academiae Aboensis. Helsingfors: Abo Akademi, 1961.

WAITHE, M. E. *A history of women philosophers*. Vol. 1. (1987) Ancient Women Philosophers. The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 1992.